

Guilherme Michelotto Böes*

Augusto Jobim do Amaral**

1 Introdução

O espaço urbano sempre se dispôs a comungar diferentes interfaces de estudos para compreender a complexidade em jogo nestes lugares. Por sua vez, o fenômeno cultural do *skate*, entre o lazer, o esporte e a própria atitude, encontra profunda presença nas praças das cidades, sejam metropolitanas ou do interior, fazendo com que os locais de sociabilidade não raro apresentem conflitos entre os cidadãos e seus praticantes. Os problemas advindos dessas relações reforçam uma imagem da cultura do *skate* como transgressiva, que degrada, polui, e traz problemas para o uso do espaço público. Abordar a importância da representação do espaço urbano, como resultado de construção social e cultural por ele mesmo produzido, permite acompanhar os processos de retomada do desenvolvimento destes locais por meio da observação daqueles que os reinventaram e lhes dão novos usos. Assim, as culturas urbanas, e nesse caso o *skate*, apresentam modos de *profanações* aos usos e sentidos regulares dos espaços culturais nas metrópoles, restituindo ao comum aquilo que normalmente se segrega. Diante dessa base relacional em pesquisar o *espaço urbano*, como caleidoscópio cultural, o objetivo deste trabalho é analisar o *skate* em interação com os locais públicos e questionar as experiências urbanas contemporâneas através das suas diferenças.

2 O espaço urbano

O processo de modernização das cidades é desdobrável em graus, peculiaridades e interdependências dependentes de cada época. Löw (n/d) nos faz compreender como a globalização influencia e modifica as relações

* Doutor em Ciências Sociais pela PUCRS.

** Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCRS.

espaciais conhecidas, apontando como a cultura que emerge daí entra em confronto com a sua própria localidade, desde as formas hegemônicas de ocidentalização e americanização.

Nessa condição de entrecruce entre fenômenos de globalização e seus espaços de incidência, o aspecto cultural manifesta-se no dilema de como não reduzir o urbano a um modo uniforme de vida. Löw (2013) responde que devemos considerá-lo não como versões de antigas civilizações, mas produto de um mundo em polifonia cultural, em que as conexões modificam as estruturas das relações espaciais. Com isso, o processo de modernização não deve ser uma perda cultural nos espaços das cidades, mas sim um motivo de interpenetração, contaminação, hibridização mais ampla, nos quais esses espaços não deveriam produzir sociedades homogêneas, uniformes, mas múltiplas modernidades, ou seja, configurações culturais em transformação permanente.

Qualquer estudo sobre cidades deve avaliar suas mudanças através das desigualdades econômicas, das políticas públicas e dos conflitos envolvendo direitos e cidadania. Como aponta Caldeira (2000; 2012), nos estudos sobre a cidade de São Paulo, os níveis de pobreza do século XXI são diferentes daqueles existentes nos anos de 1980. A infraestrutura das cidades apresenta novas formas físicas. Entretanto, tais pesquisas não são suficientes, pois não privilegiam particularmente a comunidade e a representatividade social que a cidade destina.

A proposta de Löw (n/d) não se baseia em comparações entre as cidades, seus espaços e as diferentes tendências de socialização, mas em examinar a sociedade moderna em geral. A autora propõe uma análise de cada cidade para que possamos distinguir diferenças nas investigações das políticas locais. Assim, o *espaço* da cidade tem um grande papel na vida social, daí sua análise crítica ir além da forma física, matemática ou filosófica. Espaço é um conjunto de relações que está representado na cidade, forjando redes e objetos próprios.

Para considerar os espaços na cidade, devemos compreender o entrecruzamento dos processos materiais e culturais urbanos promovidos por distintas práticas por seus atores sociais. Para entender a dinâmica dos espaços, é necessário que encontremos o contexto cultural com o qual a globalização hoje se instala na cidade.

A capacidade de realizar uma leitura dos mecanismos de modificação urbana e dos conflitos que surgem no tecido da cidade, na experiência urbana contemporânea, mostra que o seu desenvolvimento está estritamente relacionado ao espaço e à cultura que emergem destes mesmos conflitos. Daí a importância da cultura do *skate*. Assim, o *skate* contribui para mostrar como processos urbanos interpretam e ressignificam os espaços das cidades, cooperando essencialmente para a questão do seu significado cultural.

A globalização dos espaços, em contrapartida, permite identificar as características especiais das cidades – ou possibilita denunciar aspectos sociais generalizáveis através de estudos de suas culturas urbanas. Suas experiências podem apontar o significado compartilhado nas cidades, permitindo análises das práticas culturais como processo de subversão das visibilidades dos espaços urbanos. Podem tratar à tona as falhas das políticas públicas e das formas de partilha do espaço público.

O estudo sobre as características do espaço urbano, desde as culturas que dali emergem, a partir dos próprios conflitos, comporta um cenário atinente à transformação que a globalização implica nos espaços. O espaço público, concebido na heterogeneidade de seu uso, deve forjar seu acesso como local de encontro com o estranho, ou seja, instante de vivências plurais com as diferenças sociais. Isto não significa ausência de conflito, principalmente diante do crescente processo de modificação dos espaços urbanos, diante das desigualdades presentes nesses ambientes, por hierarquias e corporeidades diversas. (JAYME; NEVES, 2010).

Espaço é condição de sociabilidade em que os humanos encontram sua existência, hoje especialmente representada na cidade. Reinventando-se diante dos processos de globalização, a cidade deve tomar consciência desse complexo fenômeno que é a construção da cultura em seus espaços.

Essas construções de significados foram analisadas já no início do século passado por Georg Simmel (2013 [1903]), ao escrever sobre as grandes cidades de então e a formação de seus indivíduos. Trata-se da clássica demonstração da atuação humana na formação cultural e na reconfiguração de sua existência corporal nestes *novos* espaços, no constante questionamento de seu corpo cultural.

Se o século XVIII trazia alguma possibilidade de clamar pela liberdade em contraposição às formações históricas atreladas à religião, seja na economia, na moral e no Estado, com o século XIX, nas sociedades modernas, há a reivindicação por tais liberdades desde a formação histórica da divisão do trabalho, em que “[...] os produtos da vida especificadamente moderna são questionados acerca de sua interioridade; onde o corpo da cultura é questionado sobre sua alma – como me parece ser atualmente o caso no que diz respeito às nossas grandes cidades [...]”. (SIMMEL, 2013, p. 312). Isso significa que o homem começou a se questionar diante das novas relações sociais da vida moderna, por assim dizer, questionar as implicações psicológicas da vida na cidade grande e as modificações técnicas intensificadas pelas diferentes relações do consumo. A *forma mental* da cidade envolve indivíduos e seus vínculos, condições e distinções que se entrelaçam. Seus significados, transcursos e habitualidades compreendem aquilo que os identifica e individualiza. Na imagem do processo de identificação da vida urbana, nossa sociabilidade encontra a imposição daquilo que podemos chamar de rotina diária, que organiza a consciência humana, de acordo com sua relação econômica, profissional, social. Esse domínio pauta as relações e as reações individuais que favorecem a representação e a imaginação das narrativas da cidade. Nesse sentido, a questão de consciência do instante, como Reyes (2015, p. 151-159) analisa, está sempre *por vir* na consciência imaginada que o *sujeito* articula no instante presente, entre seu passado e futuro.

Em Simmel, a comparação entre a cidade grande e a pequena é feita pela imposição monetária que dirige os espaços-tempo da atividade humana para as relações da esfera contábil. Na formação desse *espírito da grande cidade*, o homem controla sua identificação a partir destes modos de interação, dinâmica que formou a rotina do homem no urbano. (SIMMEL, 2013, p. 316).

O estilo de vida e sua existência estão condicionados pelas diretrizes determinadas por modos de vida normalizados. Atos diversos são postos como sentidos nulos. O dinheiro exprime a distinção, é a recompensa do modo igual com que trata de uniformizar as coisas. Para se ajustar e se autoconservar neste universo restrito de possibilidades (financeirizadas), o

comportamento social tende a não permitir o menor desvio. Qualquer modo de vida que destoe gera desconfiança e estranheza. O contato com o próximo toma a forma de antipatia, proteção prática que produz o afastamento do diverso. A dissociação torna-se a única forma de socialização.

Limitar como exclusão; delimitar como inclusão.

No frenesi produzido pela tecnologia no século XXI, os espaços da cidade são, por excelência, o lugar da agitação, das luzes incessantes, dos motores dos veículos circulando nas ruas e das pessoas caminhando cabisbaixas em suas rotinas capturadas pelo celular. Nas redes sociais de um mundo virtual, em que os contatos muito transmitem e pouco comunicam, o espaço da presença do corpo é um *chip* que identifica o indivíduo. Circulação e corpo acelerados numa sociabilidade que imita a possibilidade do espaço infinito.

Löw explora esse espaço humano como fruto da própria interligação dos objetos, referindo que ele decorre da interpenetração dos sentidos gerados nas atividades coletivas e individuais de conexão fixas na composição do espaço. Sejam quais forem os hábitos, as tradições, os conceitos e as práticas cotidianas, essas formas tendem a “reforçar” a materialidade e as relações nela desencadeadas. (Löw, 2013).

O espaço mental torna-se uma montagem derivada dos atos corporais dos indivíduos, de suas trajetórias de mobilidade. A cada instante da vida, vivem-se adaptações que reinventam os corpos em sociedade. As confluências de corpos em deslocamento apresentam-se em espaços que reinterpretam esta própria condição moral e social. Daí a fresta possível para se profanar cada espaço. O uso do espaço moderno não é infável. Usá-lo de outro modo, profaná-lo é, sobretudo, restitui-lo ao uso comum dos homens. (AGAMBEN, 2006, p. 103). De alguma maneira, é libertar-se do sagrado que, em termos do momento, atende pelo nome de dinheiro. (AGAMBEN, 2017, p. 115); libertar-se dos rótulos e das fórmulas estanques de presenciar o espaço público; profanar com o corpo a corpo os dispositivos de poder que procuram subjetivizar as ações humanas.

Profanar o uso do lugar, destituir e habitar novos espaços com práticas transgressoras, está diretamente ligado ao engajamento de transformar o modelo de organização e utilização dos espaços urbanos. Trata-se de

possibilitar novas subjetividades que colocam em questão as formas de vida consagradas e que limitam as interações sociais, sob a égide da troca e do consumo. A construção de modos alternativos das experiências urbanas envolve a mudança da sua própria espacialidade.

Experenciar o espaço urbano é literalmente transitar para uma desapropriação dos usos urbanos consagrados, tidos como apropriados na dinâmica do capital, em direção ao estranhamento e à subversão de territórios. Trata-se de criar, como que numa ação de bricolagem, com o que se tem à disposição na própria precariedade simbólica da cidade, outros modos de imaginá-la e vivê-la. Manifestação de sua arte, a seu modo, de fruição do espaço fora dos tempos régios que determinam a organização da cidade.

Ao nosso propósito, profanar é desestabilizar para reconfortar novos significados para o uso da cidade. Seja nas performances de pichação, seja no fluxo dos *skates* ou das bicicletas, persistir na profanação da cidade é flunar no território, para que ele seja um local de sociabilidade e não mais uma função de uso de força e controle social. Numa sociedade cada vez mais exclusiva, como afirma Lefebvre (2001, p. 117), o direito à cidade surge exatamente para afrontar a “tendência de fugir à cidade deteriorada e não renovada, à vida urbana alienada antes de existir ‘realmente’”.

Se pela chamada *gentrificação* (SMITH; WILLIAMS, 1986) se tem o processo de realizar a privação relativa do uso e consumo dos espaços decorrentes da reurbanização da metrópole, encobre-se a profunda degradação humana com o tratamento econômico da cidade. A cidade é configurada desde guetos e separada entre aqueles que podem consumir e aqueles refugos tratados pelas agências de controle estatal, tudo a alimentar o processo de especulação imobiliária pela “restauração de espaços degradados”.

O controle da cidade passa pelo poder exercido através da violenta composição dos espaços da arquitetura moderna, onde são criados lugares dispostos, por exemplo, tanto a segregar a circulação daqueles inaptos ao consumo, quanto daqueles que, por deterem necessidades especiais, não compensam o investimento. Na ânsia da utilização de espaços segregados, não obstante, surgem afetos compartilhados por “tribos” que compõem uma

espécie de *não lugar*, avesso a uma ordem predeterminada e também às identidades fixas. (AUGÉ, 1994).

3 Profanações urbanas

As profanações dos espaços urbanos emergem a cada uma das novas atribuições e desestabilizações de sentidos prévios dados pelos dispositivos de controle social. Transformar o espaço é forjar novos modos de vida no contexto a que ele se destina. A experiência de algo diferente do próprio *uso*, de maneira comum, uma espécie de “transuso” – para além das formas fixas utilitárias e destinadas a alguma finalidade – é o que a profanação permite como jogo da expressão cultural viva nas ruas da cidade. Fluxos diferenciados que refundam o que há de comum podem significar a criação de espaços culturais imprevistos, dispositivos libertos de velhos controles sociais. Jacobs (2013, p. 440), nesta direção, acentua a necessidade de promover diferentes usos das ruas e dos próprios planos arquitetônicos, para evitar monotonia na cidade. Papel evidentemente partilhado com arquitetos e urbanistas. Profanar, portanto, manifesta-se culturalmente através de um *urbanismo vitalista* que circula, explora e inscreve novos espaços das cidades.

Em um mundo no qual a força de destruição das culturas locais se coaduna com a supressão dos lugares de socialização, cabe à coletividade encontrar modos de resistir. A produção racionalizada de uma cidade industrial é operada arquitetonicamente e planejada para dar contornos restritos aos espaços ditos públicos. Logo anormal diante desse uso (que subverte tal ordem) é a patologia que obstrui o deslocamento adequado dirigida à mercadoria.

As cidades, assim, são os mais ricos espaços da vida cotidiana. Contudo, observá-las somente através das materialidades produzidas nos espaços não permite que possamos interrogar o porquê estes ambientes foram assim concebidos. Os espaços urbanos surgiram fruto das experiências culturais, históricas e sociológicas, nos quais estudar o espaço urbano em sua crônica diária requer ir além das meras concretudes espaciais. A cidade é composta por tensões, anonimatos, indiferenças, anulações, desprezos, agonias e violências múltiplas. Não se trata do local físico, mas o que ela envolve e desenvolve para

além das experiências individuais, é tê-la como cenário de crônica e imaginação.

Assim temos o conjunto-imagem da cidade definida pela crônica e imaginação. No cotidiano, os indivíduos transfiguram os espaços através de suas experiências, misturando-se e interpretando a utopia da cidade na História. É na organização da cidade que o corpo cultural deve estar disposto à emancipação social, o panorama de sua revolução estará entre seus valores e símbolos culturais. (BENJAMIN, 1985).

A ascensão de práticas profanatórias nos espaços da cidade também serve de instrumento de denúncia de como as autoridades e as políticas públicas estão mais interessadas em estigmatizar e suprimir tais comportamentos e seus lugares, como *indesejáveis*. A própria existência é mal-vistas pela população.

*

Vale a pena, neste ponto do presente ensaio, proceder a um corte, para novamente remeter a certa incursão de campo realizada em pesquisa anterior pelo imprescindível teor do relato.¹

R. havia me enviado uma mensagem avisando que iria saltar da escadaria da igreja Nossa Senhora da Conceição em Viamão/RS. Não há nenhum registro de que algum skatista já houvesse realizado esse salto. O dia estava excelente, um pouco frio, mas com sol, o que possibilitava boas fotos. Fomos em um grupo de quatro pessoas, caminhamos pela praça e tiramos fotos. Aguardamos para “ganhar” confiança. R. sobe [caminha com seu skate] até a frente da igreja, analisa a possibilidade de erro da manobra. Então, ele se prepara para saltar, mas acaba caindo do skate. Faz uma nova tentativa enquanto senhoras que saíam da igreja conversavam conosco e incentivavam a fotografia. Presumiam que estivéssemos realizando um registro da igreja. Não viram o skatista.

¹¹ Aqui adaptamos o relato colhido. Para maiores detalhes, inclusive de contexto e de identificação das pessoas envolvidas, permitimos remeter para BÖES, Guilherme Michelotto. *Entre os espaços e a cidade: a insurgência do skate na experiência urbana contemporânea*. 2017. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUCRS. Porto Alegre, março de 2017.

O barulho do skate atraía o olhar de jovens que aguardavam o desfecho do salto. Os comerciantes se postavam na porta de seu estabelecimento com “cara de poucos amigos”. Percebo que não gostavam de nossa presença. R. salta e consegue.

A foto não ficou legal. Ele volta e percebo que o segurança da igreja observa R. pela janela. Ele devolve o olhar e com educação pede para tentar saltar novamente. O segurança concorda, mas o salto não é completado. Mais uma insistência enquanto o segurança olha firme. Pedimos licença e com a concordância realizamos a última foto. No entanto, precisávamos de mais três saltos para acostumar o skatista e o foco.

Era meio de semana e o espaço público que integra a escadaria da igreja é usado pelas poucas pessoas que vão realizar suas preces. Este espaço público fica constantemente vazio e sem circulação da população durante quase todo o tempo de nossas rotinas diárias.

Sáímos a caminhar, rindo e parabenizando R. pelo salto realizado. Os comerciantes mantinham olhares firmes de desaprovação. Pode-se considerar que o skate, naquele instante, emergia como forma de resistência à hegemonia cultural e à imposição de formas de condutas aos seus praticantes. O resultado é o conflito da invasão dos espaços pelos skatistas, para que sua vivência fosse desenvolvida de forma imaginativa e que as práticas tidas como ilícitas ganhassem um significado espacial incomum. (FERRELL, 2001).

Vemos a imaginação como instante real de existências necessárias criadoras do presente e do futuro. A cidade é precedida de conflagrações em seus espaços culturais. A crônica é o cenário do espaço da cidade, posta entre o público e o privado, no coração dos vínculos sociais. Expressões culturais criam espaços e remetem a formas heterogêneas de viver as cidades. Visualmente, o crivo vital se dá, implicado em todo modo de vida singular que faz ressignificar o espaço da cidade, não como mera atualização moderna de vida cultural, nem para postar alguma nostalgia do rural arcaico, mas como fluxos variados que desestabilizam a ordem e fazem acontecer, dando o testemunho da radical humanidade que antecede qualquer sentido determinado racionalmente. Afeto que se instaura antes de qualquer relação simétrica, encontros infinitos de modos culturais inéditos.

Ingovernável que teima em resistir aos blocos. Diante deles, basta a manobra imprevista.

4 Conclusão

O espaço urbano é constituído pelos fluxos culturais que o atravessa. A cidade também corresponde à cultura que, permanentemente a (re)inventa. Sua paisagem é o outro nome para a incessante dinâmica de funcionamento social, em que formas se realizam espacialmente. (SANTOS, 2014, p. 107). Qualquer pretensão de algo comum não pode prescindir de analisar seus conflitos e as formas de governança. Foi daí que o Estado fundou o uso “legítimo” de sua autoridade, ancorando o público sob a administração “sobre a totalidade das pessoas, das empresas, das instituições e do território”. (SANTOS, 2014, p. 152).

Performances culturais alternativas, como a do *skate*, característica dos espaços urbanos, traz consigo o incômodo ao ritmo de toda rotina mercantilizada. Andar sem destino ou finalidade, senão a própria expressão estilística e disforme de utilização dos espaços planejados, parece indicar o *flâneur* contemporâneo.

Compreender as representações do espaço-cidade passa por captar suas transformações correspondentes. Se, afinal “não há sociedade a-espacial. O espaço, ele mesmo, é social” (SANTOS, 1977); melhor seria dizer, tocar menos seu desenvolvimento e mais profundamente o *envolvimento* que inscreve o homem em seu espaço social.

Impondo diferentes movimentos e ritmos, a cidade seleciona hierarquias e utilização de espaços. O tempo é gerenciado e potencialidades abortadas. Isso pressupõe que em cada lugar haja processos de utilização próprios que correspondem a valores e papéis afirmados socialmente. Significa dizer que, a partir do que é dado, surge a exigência de interpretar as possíveis transformações nestes espaços, alavancados por elementos que traduzem a possibilidade de comunicação e sociabilidade. (SANTOS, 2014, p. 29-33).

O espaço representado na cidade desdobra-se cultural, científica, artística e tecnologicamente. Sua simbolização é criativa da cultura, faz emergir invenções e conquistas que inspiram a interação humana. Cidade, longe de um

simples local etnográfico estruturado socialmente, é espaço de invenção vital. Quando Santos alertava que a “utilização do território pelo povo cria o espaço” (SANTOS, 1977), estava apontando, adiante do controle que se exerce, para as subjetividades possíveis de não serem por ele capturadas.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. Trad. de Luísa Feijó. Lisboa: Cotovia, 2006.
- AGAMBEN, Giorgio. *Creazione e anarchia: L'opera nell'età della religione capitalista*. Vicenza: Neri Pozza Editore, 2017.
- AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. Trad. de Graça Índias Cordeiro. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.
- AUGÉ, Marc. *Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. de Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- BASTOS, Billy Graeff. *Estilo de vida e trajetórias sociais de skatistas: da “vizinhança” ao “corre”*. 2006. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do movimento humano, Escola de Ed. Física da UFRGS: Porto Alegre, 2006.
- BÖES, Guilherme Michelotto. *Entre os espaços e a cidade: a insurgência do skate na experiência urbana contemporânea*. 2017. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUCRS, Porto Alegre, março de 2017.
- BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin*. 2. ed. São Paulo: Ed. da USP, 2000.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Novas visibilidades e configurações do espaço público em São Paulo. Trad. de Claudio Alves Marcondes. *Inscrição e circulação*. *Rev. Novos Estudos – CEBRAP*, n. 94, p. 31-67, nov. 2012.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. Tradução de Frank de Oliveira e Henrique Monteiro. São Paulo: Ed. 34; Edusp, 2000.
- CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. Trad. de Frederico Bonaldo. São Paulo: G. Gilli, 2013.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). A reprodução do espaço urbano como momento da acumulação capitalista. In: _____. *Crise Urbana*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 25-35.
- CERTEAU, Michel De. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Trad. de Ephraim F. Alves. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- FERRELL, Jeff. *Tearing down the streets: adventures in urban anarchy*. New York: Palgrave, 2001.

- FREHSE, Fraya. Quando os ritmos corporais dos pedestres nos espaços públicos urbanos revelam ritmos de urbanização. *Civitas: Revista de Ciências Sociais*, Porto Alegre, v. 16, n. 1, 2016a.
- JACQUES, Paola Berenstein. Notas sobre o espaço público e imagens da cidade. *Revista Arqtextos*, n. 110.02. 10 jul. 2009.
- JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. Trad. de Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- LÖW, Martina. O spatial turn: para uma sociologia do espaço. Trad. de Rainer Domschke e Fraya Frehse. *Tempo social, revista de sociologia da USP*, v. 25, n. 2, p. 17-34, nov. 2013.
- LÖW, Martina. A sociologia do espaço: bases e objetivos. *Simpósio: Passado e presente da globalização*. Salvador-Bahia: Goethe-Institut, n/d. Disponível em: <<http://www.goethe.de/mmo/priv/6558982-STANDARD.pdf>>. Acesso em: set. 2016.
- JAYME, Juliana Gonzaga; NEVES, Magda de Almeida. Cidade e espaço público: política de revitalização urbana em Belo Horizonte. *Caderno CRH*, Salvador, v. 23, n. 60, p. 605-617, set./dez. 2010.
- LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. Trad. de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.
- MAGNANI, José Guilherme C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 49, fev. 2002.
- REYES, Paulo. *Projeto por cenários: o território em foco*. Porto Alegre: Sulinas, 2015.
- SASSEN, Saskia. Occupying is not the same as demonstrating. *Global thought*: Columbia University. 2012. Journal article from CGT faculty members. Disponível em: <<http://cgt.columbia.edu/wp-content/uploads/2014/01/Occupying-is-not-the-same-as-demonstrating.pdf>>. <<http://www.saskiasassen.com/PDFs/publications/Occupying-is-not-the-same-as-demonstrating.pdf>>.
- SASSEN, Saskia. The global street comes to Wall Street. *Possible futures*: a project of the social science research council. Nova Iorque, 2011. Disponível em: <<http://www.possible-futures.org/2011/11/22/the-global-street-comes-to-wall-street/>>.
- SASSEN, Saskia. *Sociologia da globalização: Estado, economia, cidades globais e as redes digitais*. Trad. de Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- SASSEN, Saskia. *As cidades na economia mundial*. Trad. de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Studio Nobel, 1998.
- SASSEN, Saskia. A new geography of centers and margins: summary and implications. *The city reader*. Org. de Richard T. Legates and Frederic Stout. New York: Routledge, 1997. p. 70-74.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2014.

SANTOS, Milton. O retorno do território. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. de.; SILVEIRA, M. L. (Org.). *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec, 1998. p. 15-20.

SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, Milton. Los espacios de la globalización. *Anales de geografía de la Universidad Complutense*, Ed. Comp., Madrid, n. 13, p. 69-77, 1993.

SANTOS, Milton. *A urbanização desigual: a especificidade do fenômeno urbano em países subdesenvolvidos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.

SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: Hucitec, 1982.

SANTOS, Milton. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. *Boletim Paulista de Geografia*, p. 81-99, 1977.

SMITH, Neil; WILLIAMS, Peter (Ed.). *Gentrification of the city*. London/New York: Routledge, 1986.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2013.